
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

TRIMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 5, janeiro a junho de 2007

**O PAPEL MEDIADOR DO POEMA ÉPICO *O URAGUAI* NA
CONSOLIDAÇÃO DA HISTÓRIA REGIONAL E NA CONSTRUÇÃO
DE IDENTIDADES ESTÉTICAS, SOCIAIS E ECOLÓGICAS NA
CONTEMPORANEIDADE**

Jacyra Basanesi¹

RESUMO: O artigo, através da poesia épica *O Uruguai*, de Basílio da Gama, conjugado Com a Educação e a História, apresenta uma maneira de como essa poesia se constitui em instrumento mobilizador do processo de construção de identidades estéticas, sociais e ecológicas de nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: Sete Povos das Missões, Literatura, História Regional, Educação Ambiental, transdisciplinaridade.

Considerações Iniciais: situando o sujeito e o objeto

Vivemos entre a tecnologia e o desastre, num tempo de agressão. A crescente interrogação que assola o homem contemporâneo está baseada numa relação existencial e intersubjetiva sobre a posse afetiva do meio e sua cotidianidade, pois esse mesmo homem está lançado em uma *mundanidade* (Heidegger, 2002) que o remete à insignificância e, ao mesmo tempo, a uma necessidade de compreender tudo o que o rodeia.

O entendimento sobre o “estar-no-mundo” nos instiga a refletir criticamente sobre essa realidade e a intervir nela, posicionando-nos diante de questões que envolvem a estruturação de comportamentos de

¹ Professora de Literatura e Português do Colégio Estadual Lemos Júnior, graduada em Letras-Português; Especialista em Literatura Brasileira (FURG, 1995) e em História do Rio Grande do Sul: Sociedade, Política & Cultura (FURG, 2006).

jacyrab@brturbo.com.br

convivência social, identidade, sensibilidade e memória individual e coletiva desse homem no seu espaço e tempo. Assim, procuro através desse artigo, alicerçada na História do Rio Grande do Sul e na Educação Ambiental, promover o restabelecimento da mediação homem-mundo, investigando um novo paradigma que nos leve (educadores e educandos) a uma práxis humana (social, política e estética) no sentido de reconstruir os vínculos entre o indivíduo e si mesmo, o outro e a sua realidade cotidiana, possibilitando um distinto projeto histórico: coletivo, nacional e planetário.

Para discutir as questões, dividi o texto em subitens, nos quais abordo a história da formação do Rio Grande do Sul nos seus aspectos territoriais, políticos e econômicos, através da presença da Companhia de Jesus e seus missionários espanhóis, até a fundação e destruição dos povoados construídos por eles, os Sete Povos das Missões, acrescentando a isso o caldeamento das raças que compuseram o homem missioneiro, o gaúcho; o entrecruzamento da Educação, da História e da Literatura na promoção de uma práxis integradora, apresentada pela transdisciplinaridade, na qual procuro abarcar a construção do conhecimento histórico aliado ao conhecimento literário e as implicações político-ideológicas e estéticas que envolvem *O Uruguai*.

Faz parte, também, deste texto o resultado de uma investigação efetivada na escola sobre a manifestação de comportamentos sociais, estéticos e ecológicos, a partir de três momentos em que estiveram inter-relacionados a Arte (Literatura e as Artes Visuais), a História Regional e a Educação Ambiental com o objetivo de desencadear o reconhecimento e a consolidação identitária do educando no seu espaço local, regional e global.

A urgência em acrescentar a estética² na complexidade do cotidiano do educando se deu pela proximidade com a Literatura que, como toda Arte, libera a subjetividade e a sensibilidade, desperta afecção. Um sujeito afetado é aquele capaz de, pela experiência subjetiva e estética, auto-inventar-se e reconstituir-se. Pensar que toda a ação é importante por sua potência é pensar que, como afirma Vygotsky (2003, p. 239): *a tarefa mais importante da educação estética: inserir as reações estéticas na própria vida. A arte transforma a realidade não só em construções da fantasia, mas também na elaboração real das coisas, dos objetos e das situações;*

Convém enfatizar que a importância em inserir a Educação Ambiental na proposta didática, possibilita a construção de um sujeito responsável social e ecologicamente e que segundo Reigota (1996) aborda a educação como ato político, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, auto-gestão e ética nas relações do sujeito, consigo, com o outro e com o seu meio.

O inter-relacionamento dos saberes históricos e literários atenta não somente para os nossos marcos fundadores que persistem até hoje. Esses marcos, com variadas formas e extensões, mais ou menos sutis, perpassam também as nossas salas de aula e refletem a memória instituída e as múltiplas experiências mnemônicas dos sujeitos. A partir dessas, eles são provocados a indagar, a voltar os olhos para a sua cultura e para os processos de globalização, manifestando novos comportamentos.

² Para melhores esclarecimentos, cito CAMPOS, Neide Pelaez. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002).

Os Sete Povos das Missões

No geral, os historiadores culturais se encontram motivados a discutir um universo que se expande e se fragmenta nas questões relativas à cultura; mais precisamente no que tange às artes e à Literatura. É necessário salientar, que esses atores da cultura, ao tentarem reescrever a História promovem uma reação deliberada contra o paradigma tradicional, da visão do senso comum da História, para enfatizar uma dentre várias abordagens possíveis de entender o passado e a cultura, pois conforme Burke (2002, p.135):

O historiador não está preocupado com a interpretação dos significados, mas antes em definir as ambigüidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais.

Ao incluir a história regional relacionada às diversas nuances que a constituem - antes marginalizadas no sentido de serem consideradas periféricas pelo paradigma tradicional da “verdadeira” História - consideraram que “tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado” (Burke, 1992, p. 11). Levam em conta que a realidade social é culturalmente constituída, sujeita a variações tanto no espaço quanto no tempo, entendendo que ao analisarem as estruturas, as experiências, as mudanças de variados aspectos que permeiam essa sociedade contribuem para a reconstrução da história das mentalidades coletivas.

Participamos de uma rede progressivamente complexa de tramas interdependentes, que nos aponta a necessidade de re-visitar o patrimônio material e imaterial e, apesar de estarmos numa “*Terra de Tanta Cruz*” (Gentili, 2003), persiste a nossa gente, através dos séculos, partilhando culinária, música, linguagem, plantas e seus dons de cura, crenças e valores do senso comum, numa troca e interação sem fim entre a nossa raiz nativa - a indígena e a européia, a espanhola e a portuguesa. Colocar a construção histórica ao lado da arte literária é voltar os olhos para a cultura regional e os processos de globalização; ao mesmo tempo, dar conta da interlocução com as territorialidades históricas, regionais, e globais no intuito de interpretar os sentidos sociais e históricos das tensões do contexto vivencial em que o homem está imerso.

As motivações políticas, econômicas e territoriais na formação das Missões Jesuíticas

Os Sete Povos das Missões faziam parte dos conhecidos *Trinta Povos das Missões Jesuíticas* do Paraguai e concretizaram um movimento de conquista e colonização do Novo Mundo pelas coroas lusitana e espanhola que unidas, no decorrer do século XVIII, tentaram ocupar o Rio Grande do Sul. A ocupação conduzida inicialmente pelos jesuítas portugueses (1605) e depois pelos jesuítas espanhóis (1626) foi dentro do molde do *uti possidetis*³, consagrado pela legislação e também pela Igreja Católica, instância de decisão internacional, respeitada pelos países católicos em competição na expansão ultramarina. Os portugueses pretendiam a expansão colonialista para fins de controlar política e economicamente povos de outros continentes, ressarcindo os seus investimentos e tornando-se mais poderosos e os espanhóis, através do Papa Adriano VI que concede aos seus reis o privilégio de organizarem expedições religiosas às Índias. Assim, ao encetar uma cruzada, preencheriam o paganismo e dilatariam o espaço da doutrina cristã.

O apoio do governador do Paraguai e do Rio da Prata, Hernán Árias de Saavedra ou Hernandárias, à vinda da Companhia de Jesus, contribui para o estabelecimento do primeiro núcleo estável de população no

futuro território do Rio Grande do Sul: a redução⁴ de São Nicolau de Piratini, constituída por um grupo de 280 famílias recém catequizadas (Christensen, 2001). Nesse sentido, os jesuítas espanhóis, por volta de 1615 a 1621, foram os primeiros colonizadores a entrar na região com o objetivo de integrar pacificamente a sociedade tribal nativa ao espaço colonial pela ação missionária como antecipação à sociedade colonizadora. Atitude endossada pelo jesuíta Roque Gonzáles de Santa Cruz que transpôs o rio Uruguai para fundar, na sua margem oriental, mais dez reduções em onze anos de trabalho com os índios guaranis.

A partir de 1636, acelerou-se o processo de depredação das reduções pelos bandeirantes paulistas, que caçavam escravos indígenas, voltando as suas atenções para as reduções jesuíticas do Rio Grande do Sul, pois o índio missioneiro era “peça era altamente qualificada” e de fácil apresamento. Das trinta que sobreviveram aos massacres, aos saqueadores e aos mamelucos caçadores de escravos quinze se situaram no norte da Argentina, oito no sudeste do Paraguai e sete no noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil. Nelas coabitaram mais de duzentos mil índios guaranis e cerca de duzentos padres, sendo trinta massacrados.

A escravidão indígena tornou-se desinteressante, entretanto, os jesuítas decidiram abandonar o território, o gado e fixarem-se na margem esquerda do rio Uruguai. Durante cinquenta anos, permaneceram na margem esquerda do rio Uruguai, somente deslocando-se para alçar o gado missioneiro, que bravo, se encontrava disperso, crescia livremente e se multiplicava pelas vastas campanhas, denominadas vacarias. Concluía-se, assim, a primeira fase do sistema de reduções que se expandiu no Rio Grande do Sul.

A fundação dos Sete Povos das Missões

Nos séculos XVII e XVIII (a segunda fase das reduções jesuíticas), o colonizador penetrou no território de forma muito lenta, porém cada vez mais para o interior do território indígena através de três formas mais ativas: pela introdução do gado, primeiro nas vacarias e depois nas estâncias; pela catequese, que procurou agrupar os índios em aldeias (por exemplo, os guaranis) e pelo estabelecimento de centros povoadores, decorrentes das formas anteriores.

A coroa espanhola afirmava-se diante dos portugueses através do seu poder militar, que por sua vez, tentaram a equidade de posturas e fundaram, em 1680, a Colônia do Santíssimo Sacramento⁵, um espaço de terra encravado na bacia do Prata. Os espanhóis não demoraram a responder militarmente, fundando, em 1726, a cidade-forte de San Felipe de Montevidéu, enquanto os portugueses construíram a colônia de Rio Grande de São Pedro, em 1737, fortificando a área com o presidio de Jesus-Maria-José, ampliando a ocupação territorial pelos colonizadores.

³ Fórmula diplomática que estabelece o direito de um país a um território. Direito esse fundado na ocupação prolongada, independente de qualquer título. (Christensen, 2001, p. 40)

⁴ Com significado oriundo das palavras latinas REDUCERE e do espanhol REDUZIR, as “reduções jesuíticas” representavam as comunidades guaranis reunidas a partir de 1609, que se baseavam na concentração, na socialização e na convivência como inícios de toda uma civilização, e não no sentido estrito de imposição de uma nova religião. (Christensen, 2001, p. 57)

⁵ Atualmente é a cidade de Colônia, no Uruguai, fundada pelo português Dom Manuel Lobo em janeiro de 1680, sob a orientação da corte portuguesa, numa tentativa de preencher os vazios geográficos com o povoamento de pontos estrategicamente importantes (Christensen, 2001, p. 63).

A segunda fase das reduções foi marcada pela fundação dos Sete Povos das Missões Orientais, devido à expansão da área de domínio dos jesuítas. Eles retornaram ao Rio Grande do Sul a partir de 1682, fundando o povoamento de São Francisco de Borja, o primeiro dos Sete Povos, habitado por índios guenoas e uma população transmigrada de San Tomé. Essa comunidade estabeleceu-se na margem oriental do rio Uruguai, entre os rios Camaquã e Butuí e possuía uma imensa estância para a criação de gado. A partir de 1687, os jesuítas espanhóis fundamentaram as suas “empresas coloniais” e construíram mais três missões nesse ano: São Nicolau, São Miguel Arcanjo e São Luiz Gonzaga.

Foi um longo tempo de paz e prosperidade para os povoados missioneiros. Um dos aspectos principais é que através do empenho dos jesuítas, cada redução possuía a sua estância de gado que era uma das bases principais da vitoriosa permanência dos povoados.

Mesmo com toda riqueza que os jesuítas possibilitaram à Coroa Espanhola através das reduções e do trabalho dos guaranis, sem cujo auxílio não teria subsistido, política e economicamente, eles foram banidos para sempre de toda a Europa, acusados de traição. As Missões representavam verdadeiras fortalezas que impediram o avanço da Coroa Portuguesa, nas províncias do Paraguai e do Prata. Toda a organização das reduções seguiu rigidamente o modelo prescrito pelas instituições e leis próprias da sociedade espanhola:

Cada redução formava, pois, uma unidade mais ou menos auto-suficiente. Salvo no caso das estâncias, não havia separação entre o campo e a cidade. Os que trabalhavam na terra moravam no centro urbano; tinham uma existência coletiva, não ficando submetidos ao isolamento a que está condenado o camponês. Talvez se possa dizer que isso visava a manter a massa indígena sob controle, mas é inegável que concretizava a solução de um dos mais sérios problemas humanos o da separação entre cidade e campo. A unidade entre a cidade e o campo figurou entre os projetos dos socialistas desde os críticos utópicos até os marxistas. (Freitas apud Christensen, 2001, p. 66).

O ambiente social era a possibilidade de uma maior proteção contra os inimigos ou invasores e fonte de reprodução da palavra de Deus e do poder do Rei. Esses fatores modificaram profundamente o *modus vivendi* das comunidades que habitavam a região missioneira. Neste sentido, as construções e as necessidades de crescimento da população traduzem aspectos dos imaginários sociais, pois a organização espacial e arquitetônica desse espaço social desvela as relações simbólicas de poder e as referências culturais que influenciaram essa sociedade.

Como partes autônomas do regime colonial espanhol que as regulamentava, impondo a administração da Coroa, os povoados apresentavam características semelhantes e os jesuítas projetaram sobre os guaranis a estrutura cultural colonial, procurando introduzi-los nos costumes e práticas hispano-cristãos, por isso a instrução tornou-se o fundamento de sua organização social e religiosa.

As raízes do povo gaúcho: do genocídio de uma cultura às identidades interculturais

Os Sete Povos das Missões foram etnicamente constituídos pela hegemonia do grupo Tape, um grupo “guaranizado”, isto é, com língua e costumes dos guaranis, que os receberam através do batismo, como uma forma de incorporar esses povos, dentre eles os prisioneiros de guerra, gês ou pampeanos. Nesse sentido, é possível afirmar que as Missões possuíam uma etnia miscigenada.

A história do povo rio-grandense nasceu na província do Guairá, a terra dos guaranis, que atualmente corresponde aos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, acrescido das províncias argentinas de Corrientes e Misiones.

A região dos Sete Povos das Missões Orientais foi colocada em pauta nas disposições do Tratado de Madri, firmado entre Portugal e Espanha, em 1750, o qual determinava nova demarcação das fronteiras de suas colônias na América do Sul. A colônia portuguesa do Santíssimo Sacramento (no sul do atual Uruguai) ficaria sob os domínios da Espanha e os Sete Povos das Missões Jesuíticas, os povoados guaranis catequizados por jesuítas espanhóis seriam entregues aos portugueses.

O Tratado de Madri definiu que apenas uma cidade, a Colônia do Sacramento, valia tanto quanto todo o território dos Sete Povos das Missões. Isso porque através dessa cidade eram estabelecidos o limite e o contato entre o Império Português e o Império Espanhol na América Meridional. Por ser território fronteiriço não tinha uma linha definida e, acabava mais por integrar do que por separar as pessoas que nela habitavam: portugueses, castelhanos, índios e jesuítas. Como ponto de conexão das rotas do Império Português no estuário platino, constituía-se em uma cidade de comerciantes, na qual autoridades e comerciantes confundiam-se com os contraventores: “Este ninho, antes de contrabandistas que de soldados, foi talvez o berço de uma prole sinistra, os gaúchos, os gaudérios.” (Prado apud Capistrano de Abreu, 2002, p.75)

O espaço missioneiro deveria integrar-se ao espaço colonial português, não obstante a demarcação dos limites desse tratado foi interrompida várias vezes pela recusa dos índios missioneiros em entregar as terras, culminando na Guerra Guaranítica. Após quatro anos de infrutíferas negociações para que as terras fossem entregues, iniciou-se o conflito entre índios rebelados e tropas luso-espanholas, estendendo-se dos anos de 1753 a 1756. O combate final ocorreu em Caiboaté (atual São Gabriel) com a derrota dos guaranis, sob a liderança do corregedor da missão de São Miguel, o índio Sepé Tiaraju, que morreu na luta, no dia 7/2/1756.

Sepé Tiaraju nasceu entre a segunda e terceira década do século XVIII, na sociedade missioneira composta dos trinta povos guaranis. Foi educado com esmero pelos espanhóis, principalmente no que se refere ao uso das armas, tornando-se alferes real e corregedor do povo de São Miguel, o que lhe foi de muita valia na Guerra Guaranítica pelas suas grandes habilidades como estrategista, planejando e executando os movimentos e operações da tropa missioneira. Comandou o exército guarani de aproximadamente dois mil e quinhentos índios.

Com a morte heróica foi elevado à condição de mito fundador do povo missioneiro e gaúcho. Qualidade consolidada após duzentos e cinquenta anos, através do imaginário popular, sendo mais conhecido como “São Sepé Tiaraju, o mártir da terra sem males, o santo protetor de todos os povos que lutam pela terra” (Christensen, 2001, p. 75). O fato incontestado foi revivido treze anos após a sua morte, em 1769, pela publicação do poema épico *O Uruguai*, de Basílio da Gama.

Em dezembro de 1756 a Guerra Guaranítica chega ao final e inicia-se o cerco de São Lourenço pela divisão dos exércitos ibéricos para guardar os povoados de São Miguel, São João Batista e Santo Ângelo. Constatou-se, posteriormente, que a determinação da troca de territórios pelo Tratado de Madri e a tragédia ocorrida nas Missões foram ações inúteis, uma vez que o Tratado de El Pardo (1761) acabou anulando o dos Sete Povos, os quais permaneceram sob o domínio da Espanha, embora sem os jesuítas, expulsos dos territórios administrados por Portugal e Espanha.

No ano seguinte, no mês de julho de 1768, estava finalizado o apostolado jesuítico nas Missões. A substituição se fez através de curas de outras congregações e por administrações civis e militares (sistema laico espanhol), acelerando a decadência moral e econômica das comunidades e das quais os índios passaram a um calvário de escravidão e de espólio de seu patrimônio até culminar com o êxodo da população. Soutey, na passagem que segue, relata a maneira como era o tratamento dado aos vencidos:

Terminou assim a prosperidade desses celebrados aldeamentos, acabando-se a tranqüilidade e o bem estar dos guaranis. Famintos velhacos do Prata ou recém chegados da Espanha, nem conheciam, os administradores, a língua indígena nem tinham paciência para aprendê-la, bastando para intérprete de suas ordens o chicote. (Soutey apud Lazzarotto, 2001, p. 47)

Os índios sobreviventes do conflito abandonaram em massa as reduções, muitos fugiram para o Paraguai. Povos transformaram-se em desertos ocupados pela mata que tomava conta das igrejas e das casas, destruindo-as. As pedras que as edificaram foram levadas pela população das estâncias que iam surgindo ou para as cidades que atualmente preservam seus nomes. O Tratado de Madri e as medidas pombalinas iniciariam o quadro de profundas mudanças na realidade política e social em toda a região platina.

Após a incorporação definitiva dos Sete Povos, em 1801, às possessões portuguesas, a região transformou-se numa área para expansão e criação de gado e os índios restantes, incluindo guenoas, minuanos e charruas, acabaram submetendo-se aos espanhóis e portugueses como mão-de-obra nas fazendas, peões de estância, trabalhando nas lides do gado ou soldados, enquanto que as índias acompanhavam os exércitos na condição de “chinas de soldados”, na sua maioria, portugueses.

Os índios engajavam-se nos conflitos causados entre os próprios colonizadores, muitos dos quais incluíam lutas de independência, constituindo-se na gênese dos primeiros *gaúchos*, nome pejorativo ao tipo humano cultural e racial que compôs o Rio Grande do Sul por dois séculos até o início do século XIX. A conquista territorial e a independência política engendrada entre os conquistadores finalizaram a relativa liberdade e alguns privilégios que esses índios possuíam em relação aos outros, ocasionando-lhes a perseguição e o extermínio entre 1831 e 1832.

Depois de um século de guerras e convívio pacífico, décadas de disputas e exploração conjunta de territórios formaram-se três países independentes politicamente, entretanto intimamente inter-relacionados: Brasil, Argentina e Paraguai. As raízes coloniais desses países traduzem as marcas de um passado comum. A herança política e cultural ibérica contribuiu para a formação de sociedades visivelmente hierarquizadas e excludentes na América meridional.

Educação, literatura e história: possibilidades de uma práxis pedagógica integradora sob uma ótica transdisciplinar

Unir História, Literatura e Educação propicia a instauração de novos parâmetros de valorização que aprimorem as relações do homem na construção de suas identidades. Inter-relacionar a Literatura aos diferentes aspectos que constituem o homem em sua vida cotidiana libera uma via de saída para nossa realidade adversa: a reconstituição das práticas sociais e individuais, redimensionando a referência do sujeito que, jogado no mundo, ao longo de sua existência, luta para achar-se nele.

A educação do século que iniciamos a trilhar nos propõe os seguintes objetivos: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender em comunidade compartilhando saberes. Esses objetivos não devem ser buscados isoladamente, mas sim, simultaneamente, uma vez que eles são harmônicos entre si o que implica um modo de ser transdisciplinar. Os dois primeiros objetivos estão intrinsecamente ligados aos nossos aspectos cognitivos e práticos, isto é, à aquisição dos conhecimentos oriundos da investigação científica e de outras áreas cognitivas e de aprender as habilidades necessárias para o exercício de nossas atividades profissionais no âmbito da vida social. Quanto aos dois últimos objetivos, estes são referentes à ética, à aprendizagem do viver consigo mesmo e com o outro. Sob essa ótica, o objetivo “aprender a ser” é a base para todos os outros.

É uma postura político-pedagógica que se traduz em práticas da vida cotidiana a sua vivência de mundo, nas quais o papel do professor do século XXI constrói-se pela exigência da modificação de suas relações, pela desacomodação e o eterno reconstituir-se na relação com o outro numa tensão permanente para ser o que é. Esse entendimento é o mesmo presente nos estudos sobre a obra de Michel Foucault, revelando que *o papel do outro é indispensável para a produção de um esboço de si compreensível e que o cuidado de si (...) aparece como uma intensificação das relações sociais.* (Ortega, 1999).

Vivenciar a ética da convivência numa prática simultaneamente única e múltipla: única, na formação da própria identidade, e múltipla, no respeito e na convivência com as diferenças, sejam elas entre pessoas, sejam entre etnias, culturas e modos de ser visa provocar micro-transformações nos sujeitos da educação (no educador e no educando) possibilitando um outro projeto histórico: coletivo, nacional e planetário:

O educador percebe o ambiente educativo como movimento e, ao inserir criticamente nesse movimento, será capaz de dinamizá-lo em uma perspectiva crítica. É esse o seu ambiente de educador, que se movimenta dentro do real; que nos mostra os limites e o ideal; que descortina as possibilidades; que estabelece as relações entre o micro e o macro; entre o local e o global. (Guimarães, 2004, p. 143)

O filósofo e sociólogo francês Edgar Morin (2003) discute a dinâmica da complexidade e prática educativa para evidenciar a construção do conhecimento como um processo uno e múltiplo que envolve tudo o que é humano. Para isso emprega o termo *complexus* que significa “o que tece em conjunto” ou ainda o relaciona ao verbo latino *complexere*: “abraçar” levando-nos a atentar para a existência de uma relação mútua entre o pensar e o sentir o *complexus*, o tecido que junta o todo.

O que está sendo constatado é o fato de se pensar e praticar a educação e o conhecimento do mundo e da vida de uma forma simplificadora, quando estes estão imbuídos da urgência em implodir um paradigma agônico baseado na disjunção, na separação, nos redutos culturais, nos narcisismos territoriais, no conformismo intelectual e instigar a produção de novas narrativas sobre o mundo.

Este artigo preocupa-se em promover uma discussão que envolva a construção das identidades através do saber histórico e na rede que se tece entre os diferentes saberes e ações que se apresentam na prática educativa, pensando numa prática pedagógica articulada e historicamente contextualizada, multidimensional.

Busca desenvolver um pressuposto teórico-metodológico que venha a suavizar o descompasso entre os conteúdos de ensino e aqueles da cultura regional e global, optando por um currículo que reconstrua a

história e a cultura dos povos formadores da nossa gênese (índios, espanhóis e portugueses) e seus comprometimentos na nossa contemporaneidade. Dessa forma, pretende-se instigar os alunos para debaterem sobre as situações cotidianas permeadas de tensos silêncios e passividades, sobre temáticas referentes à diversidade para que possam posicionar-se, identificando seus interesses, ideologias, preconceitos, referências e interferir na sua realidade.

Pensar sobre a banalização cultural, a estereotipia para impedir a perpetuação de situações de opressão, exclusão e xenofobia, atentando para a essência na qual têm base essas situações para, então, elaborar um currículo respeitador de todas as culturas que apresente cotidianamente a solidariedade, a justiça e a igualdade. São desafios que partem da didática da História e se ampliam, possibilitando interpretações de sentidos e a diversidade de discursos e práticas sociais presentes no processo de produção do conhecimento histórico de todos e de cada um dos estudantes.

Uma abordagem transdisciplinar que permite adentrarmos em um trabalho educativo-formador no qual o ser humano conheça e vivencie mais plenamente. Nada fica excluído, mas sim, tudo fica incluído. Transforma nossos modos de vida, coloca em nossas mãos como educadores formadores instrumentos teóricos e práticos para criar condições para que nós e nossos educandos possamos construir as suas e as nossas formas pessoais no que tange à formação, integrando todas as linhas do desenvolvimento: a cognitiva, a afetiva, a ética, a estética, a social, propiciando uma formação integral para nós mesmos e para nossos educandos.

Tênuas relações entre os discursos históricos e literários

Inicialmente é necessário perceber a relação dinâmica que vincula linguagem e realidade e a construção de conhecimentos dispersos nas áreas já mencionadas. Compreender que tudo é marcado profundamente pela leitura que fazemos do nosso lugar social, nossa origem social e, ao fazer isso, estamos fazendo leituras desse mundo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não nos possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto. (Pillar Apud Freire, p.14, 2001)

A nossa maneira de ler e ver o mundo é modelada por questões de poder, por questões ideológicas e isso nos leva a refletir que tanto o conhecimento construído pela História quanto aquele revelado pela Literatura são dependentes das coordenações do sujeito que os constroem, das estruturas mentais que ele possui no momento da produção desse conhecimento, as quais podem modificar os dados desse real levando-os a apreender essa realidade na trama do tecido verbal, nos dizeres que constituem um fato, um evento ou uma imagem.

É pertinente lembrar que a apropriação de mundo calcada nessa imagem verbal, produzida de um determinado modo, em um determinado momento por um sujeito (o historiador ou o escritor), estará à mercê da atribuição de significados feita por outros sujeitos (os leitores) que objetivamente e subjetivamente também percebem, organizam e vivem esse momento e, somente a partir daí, ocorrerão as inter-relações sujeitos, palavra e mundo. A noção de mediação homem-mundo via signos verbais reflete o estabelecimento

de uma conexão que possibilita a compreensão desse universo que, na medida do homem, é multifacetado e mutante.

Desse modo, os sistemas simbólicos (entendidos como sistemas de representação da realidade), especialmente a linguagem, funcionam como elementos mediadores que permitem a comunicação entre os indivíduos, o estabelecimento de significados compartilhados por determinado grupo cultural, a percepção e interpretação de objetos e eventos e situações do mundo circundante. (Vygotsky, 2001,p.55)

Portanto, o discurso histórico, como um mundo de palavras circunstancialmente limitado também é uma das possibilidades de interpretar ocorrências do mundo, porém não a única. A intenção do literato de fazer uso da linguagem plurissignificativa permite que o mundo surgido nela esteja baseado pela não circunstancialidade, seja capaz de dialogar com qualquer sujeito em qualquer lugar ou tempo, possibilitando um conhecimento maior da nossa natureza humana.

A obra literária é o artifício, o recurso do artista que com os seus próprios métodos de apresentação, compreensão e reflexão via linguagem estabelece uma relação enviesada com a vida, porque encontra no mundo uma tensão ininterrupta de forças em interação. A palavra é um esforço da criação humana para relacionar-se com essa complexidade e compreender o inexplicável da vida.

A imagem verbal construída pelo escritor é uma poderosa força estratégica que oportuniza o diálogo com a dor, com o acaso, com a incompletude, a alegria e o fazer criador torna-se, então, uma intervenção que revela os sentidos dos indivíduos, o recorte ético sobre valores e sua posição política sobre o contexto. Esses dois últimos aspectos são divididos com a História refletindo admiráveis intercâmbios e repercutem, de modo direto e indireto, no plano da cultura e da vida dos sujeitos traduzindo valores humanos numa forma de mediação intensamente mobilizadora entre o coletivo humano e o universo simbólico. Projeta-se, assim, o imaginário individual e social e sobre eles uma forma de conhecimento sobre si mesmo dentro do coletivo societário, em contínuo devir, num fluxo permanente que se plasma e se reconstrói cultural e existencialmente.

Portanto, a obra literária ainda que valorize uma prática essencialmente estética nos modos de representação mantém o seu vínculo com a História, pois o poeta vive em um tempo e em um espaço concretos, dialoga de variadas formas com o imaginário e com a cultura na qual está inserido e, assim, representa uma visão de mundo que de certo modo explica essa sua relação com o seu tempo e espaço históricos. Ela, por sua vez, provoca uma resposta esteticamente construída sob urgências ético-artísticas produzidas pela sociedade, pela História e pela cultura, modelando difusamente uma consciência cultural e ideológico-social.

O poema épico O Uruguai : inter-relações históricas

Na relação solidificada entre o homem e a palavra Basílio da Gama buscou abordar a Guerra Guaranítica ocorrida entre os anos de 1753 a 1756, reconstruindo uma dimensão histórico-ideológica e estética, difundindo a ideologia que legitimava as motivações da guerra e obscurecia outras, ou seja, elas eram de cunho expansionista e territoriais. A escolha da temática visou produzir algumas verdades que serviriam para a manutenção de um projeto ideológico e político que ultrapassasse o contexto vivido por esse

escritor, imbuído de interesses de ordem pessoal, política e ideológica, contribuindo para o governo do Marquês de Pombal.

Cabe aqui entender que produzir linguagem é materializar um leque de relações complexas e indissolúveis que envolvem o poder, o saber, a sociedade e a cultura numa situação histórica e social concreta no momento da atualização do enunciado. Dessa forma, o discurso literário basiliano coadunou-se ao poder central, unificando um projeto político e ideológico baseado na questão da posse territorial e na preservação dos valores colonialistas. A obra desse autor como espaço de poder, de produção de conhecimento e estabelecido por um modo de escrever, constituiu-se em uma materialização ideológica unívoca do anti-jesuitismo, da ordenação racional européia e da rejeição ao autoritarismo dos reis absolutistas.

Por isso, reconhecer a linguagem como vetor de sentido e de poderes privados possibilita compreender nessa escrita, os princípios de estratificação e de integração que permearam a estrutura da nossa sociedade e as relações de interdependência entre produção e reprodução de relações sociais, de conhecimento e poder.

Nenhum corpo de conhecimento (disse Foucault) pode ser formado sem um sistema de comunicações, de registros, de acumulação e de substituição que constitua em si mesmo uma forma de poder e que esteja ligado em sua existência e funcionamento, a outras formas de poder. Inversamente nenhum poder pode ser exercido sem a extração, apropriação, distribuição ou retenção de conhecimento. Nesse nível, não há conhecimento de um lado e sociedade de outro ou ciência e estado, mas somente as formas fundamentais de conhecimento/poder. (Santaella, 1996, p. 323)

Portanto, o escritor, o emissor-reprodutor dessa ideologia marca sua posição ao conceber ao seu modo a realidade da qual ele faz parte, utilizando a escrita como um corpo material ideológico, um produto ideológico. Entendido como agente social, indica a nossa posição na rede cultural, política e simbólica da qual fizemos parte, integrando-nos, os leitores na realidade sócio-histórica em questão.

Levar em conta a história, o momento específico, onde foi gerado o enunciado e as implicações intersubjetivas que dizem respeito a esse discurso implica na compreensão de que a enunciação está inextricavelmente conectada às formas expressivas de comunicação em um discurso particular, as quais estão sempre inter-relacionadas às estruturas sociais, econômicas e políticas.

Para que possamos melhor entender as relações anteriormente discutidas, é mister compreender que o conjunto da obra é marcado por divergências quanto à estrutura épica tradicional, porque apresenta uma subjetividade levada, muitas vezes, ao lirismo e comprometimentos ideológico-literários, por exemplo, quando o autor escolhe o título da obra desprezando o nome do herói e sugerindo com isso, que os atos de heroísmo não são considerados importantes. A indicação disso está no título *O Uruguai* que foi uma escolha do poeta ao construir o espaço da sua narrativa, utilizando como cenário o território das missões jesuíticas da margem esquerda do rio Uruguai⁶.

O Uruguai é considerado um poema épico porque na sua abertura apresenta o soneto no qual exalta os feitos de uma personalidade influente numa época em que vigorava o mecenato, porém não é genuinamente épico por apresentar diferenças importantes em sua feitura. Escrito em apenas cinco cantos,

com a utilização de versos brancos (sem rimas) e sem a delimitação de estrofes, não segue a estrutura camoniana de *Os lusíadas*, considerado o modelo desse tipo de poesia na época, além disso, o poeta decide por iniciá-lo por uma narração.

No entanto, a temática que caracteriza os poemas épicos é a guerra referenciada num passado distante. Diferentemente, Basílio destacou um episódio histórico ocorrido havia pouco mais de dez anos, no qual portugueses e espanhóis lutaram contra índios guaranis e jesuítas espanhóis instalados no território das missões jesuíticas, nos sete povoados de guaranis catequizados e estabelecidos na margem oriental do rio Uruguai, no século XVIII, no atual Rio Grande do Sul.

É uma obra que, comprometida com o Marquês de Pombal e seus feitos, celebra a vitoriosa expedição imperial enviada às Missões, e sugere o conflito entre a visão de mundo europeia, de ordem racional e a emoção: - o primitivismo do índio. Compreender os seus aspectos ideológicos e estéticos implica em conhecer as suas relações com o quadro de transformações por que passou a sociedade brasileira do século VIII.

O papel do intelectual não é mais o de se colocar ‘um pouco na frente ou um pouco de lado’ para dizer a mesma verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento na ordem do saber, da verdade da consciência, do discurso. (Foucault, 2001, p.71)

Pesquisar, através da linguagem escrita, como se dá interdependência das relações sociais e subjetivas no ambiente escolar, relacionando-as ao ambiente regional e a construção de conhecimentos é tentar levar para a prática um ideário político-existencial e político-pedagógico. Tal processo desafia o professor como sujeito-intérprete dos sentidos sociais e históricos das tensões do contexto vivencial no qual está imerso e, ao partilhar dele, tenta transformar as emoções de um tempo e de um espaço de agressão em sentimento e ação estéticos, utilizando a cultura e a Arte como formas de saberes menos brutais na superação de nossa realidade adversa.

A proposta de pesquisa: situando o sujeito e o objeto

Acreditando que o modelo de desenvolvimento da Educação necessita transformar-se continuamente, a prática pedagógica levada a efeito em uma turma de alunos da primeira série do Ensino Médio, com faixa etária entre 14 e 17 anos, a maioria oriunda de bairros distantes da escola, de baixa renda e com alto grau de desinformação e ausência de reflexão, serviu como fonte e foco para os resultados e comprovação do processo de resgate intercultural.

As contínuas observações desses sujeitos e suas manifestações inseridas em um espaço representativo de um espaço maior que é a sociedade, não só causaram o meu estranhamento como também me apontaram a possibilidade, por meio de uma pesquisa científica, de estudá-los como objeto de pesquisa alicerçado a um conhecimento maior do mundo. Este, constituído de diversos saberes que permeiam a nossa formação cultural, permitiu que a minha prática contasse com a colaboração de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento no sentido de desenvolver a educação como prática da consciência cidadã e,

⁶ Esse espaço foi, ao longo do tempo, conhecido por um sem número de nomes diferentes e com variadas formas de ser grafado, como em mapas, livros, cartas e relatórios. Sem grafia exata, é uma palavra originada

ao mesmo tempo como uma integração interdisciplinar de várias áreas do saber. Em especial as Artes Visuais, História Regional, Educação e Educação Ambiental.

A linguagem escrita, aqui entendida como produção de conhecimento estético vinculado à Educação e à História, é uma forma de dizer verdades sobre si mesmo e o meio e um modo de ser e saber, é práxis humana originária do recorte que o aluno faz do real ao expressá-lo assim. Nessa perspectiva, a linguagem é demarcação de território, espaço político, de contestação, de produção de conhecimento, de subjetividade e verdade que integra o sujeito na realidade histórico-social.

Optou-se, então, por apresentar fragmentos escritos no sentido de pesquisar na escrita do aluno, o entendimento sobre como ele se vê dentro do espaço regional, remetendo-o a uma interpretação do que é “ser gaúcho”:

Nossa cultura é rica em histórias, cheias de mistérios e mitos. Os quais são passados de geração a geração. Uma cultura edificada por vários povos; alemães, negros, italianos, índios, espanhóis, portugueses. Cada um deles influenciou de forma respeitável parte da cultura, sem perder é claro a originalidade do povo gaúcho: um povo hospitaleiro, forte, esperançoso, especial. (Isabel Cabral)

A pesquisa é uma possibilidade de, pelo viés da escrita, estabelecer a mediação homem-mundo, tanto na compreensão da “anestesia” que sofre o homem contemporâneo, como na da desagregação dos laços societários e ambientais do espaço regional construído por ele ao longo de sua existência. Na fala de um dos estudantes é possível verificar a ruptura cultural que muitas vezes acontece:

... eu era da campanha, lá eu laçava, muntava em cavalos, bois, eu participava de uma internada também depois que mudei para cá, mudou tudo, não uso mais a pilchã do gaúcho. [...] mas gosto muito de fandango, quando vou para rodeios vou sempre com a pilchã, mas agora só vou para admirar. Na campanha muitas pessoas ainda mantêm o tradicionalismo fazendo o charque, churrascos, cuidando de gado, fazendas e outros. (João Paulo dos Santos)

Esse projeto pedagógico justificou-se pela necessidade de uma intervenção cidadã que vislumbra na linguagem escrita do aluno, elementos de reflexão, criação e recriação, a potência do desejo, do assombro causado pelo mundo para impulsionar o ser em crise sócio-ambiental a uma prática solidária, estética e ecológica, fazendo-o perceber a sua exterioridade ambiental e global. Nesse sentido, resgatar também a sua potência vivencial e impregnar de sentidos as suas práticas cotidianas, estimulando a posse afetiva do meio no qual os sujeitos estão em eterna metamorfose e, assim como o mundo, vibram ininterruptamente.

Considerações Finais

Este estudo traçou um breve quadro de referências que abordam a relação da História do Rio Grande do Sul e Educação, ressaltando uma das possibilidades de leitura do poema *O Uruguai*, enquanto fonte de um conhecimento maior sobre nossas próprias identidades, pois a tarefa a que me propus residuiu justamente em tentar compreendê-las no contexto em que nos inserimos, nos quais sociedade, cultura e política estão inextricavelmente relacionadas. Tal tarefa visou compreender até que ponto esta mesma poesia, lida e

no guarani e adaptada ao castelhano e, por isso, impossível de ser traduzida. (Sempé, 1982, 11-23)

estudada no meio escolar, é mediadora das relações entre o homem, o consigo e o meio sócio-histórico, dessa maneira, possibilitando o acesso a mais uma reflexão e a mais um debate sobre o reconstituir-se diário desse homem. Busquei melhor entender o questionamento sobre o “estar-no-mundo”, estabelecer relações para o reconhecimento de uma história comum a todos nós: a formação da auto-imagem da sociedade regional e, por consequência, do gaúcho.

Foi uma tentativa de desvelar o nosso encobrimento. Somos indo-europeus, isto é, bugres-hispânicos-lusos, oriundos da miscigenação resultante de uma invasão vitoriosa baseada no mercantilismo, no catolicismo, no totalitarismo, no etnocentrismo, na escravidão e na exclusão. Nas especificidades do nosso passado colonial pensar a construção do que hoje somos, contribuindo para uma mudança de postura que provoque um novo olhar sobre nós mesmos, visando à edificação de uma sociedade menos desigual, na qual a integração seja mais valorizada que a exclusão.

Portanto, a poesia inter-relacionada com o conhecimento histórico nos impulsiona a perceber o mundo e a sua complexidade na trajetória de uma resposta possível na compreensão de quem somos, e que somente adquirimos a completude, quando nos realizamos na partilha dos unos, reforçando, assim, as nossas próprias identidades. De fato esta experiência intersubjetiva possibilitou uma viagem de regresso a um passado rio-grandense feito resíduo precioso que dilatou e impregnou a nossa vida vivida com a nossa vida sonhada.

Referências bibliográficas

- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CAMPOS, Neide Pelaez de. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis. SC: Editora da UFSC, 2002.
- CHAVES, Vânia Pinheiro. **O Uruguai e a fundação da literatura brasileira**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. **História do Rio Grande do Sul em suas origens missioneiras**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 16.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- GAMA, Basílio da Gama. **O Uruguai**. 4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- GENTILLI, Pablo e Alencar, Chico. **Educar em tempos de desencanto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. São Paulo: Papirus, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- _____. **Ser e tempo**. Parte II. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 7. ed. Ijuí: Editora Ijuí, 2001.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 1999.
- PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A Educação do olhar no ensino das artes**. 2.ed. Cadernos de Autorias, n.5. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- PRADO, Fabrício Pereira. **A Colônia do Sacramento: o extremo sul da América Portuguesa no século XVIII**. Porto Alegre: F.P.Prado, 2002.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- SEMPÉ, Moacir Matheus. **São Francisco de Borja: o primeiro dos sete povos**. 2.ed. Santa Maria, RS: 1982.
- SANTAELLA, Lúcia. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1996.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.
-----**Obras escogidas II: problemas de psicologia general**. Madrid: Visor Distribuciones, 1991.